

O Patológico apresenta o seu:

SPASMO!

POESIAS

FALÁCIAS

IDENTIFICANDO-SE

CARTA A VOCÊ

Porque o livre pensar, é só pensar!

Abril 2002

Carniceiro

*Em minha terra sou matuto,
Astuto que nem cobra-coral,
Cabrito de casco,
Vaqueiro no escasso pasto;
Escasso, mas meu.*

*No branco do chão,
No suor da chuva,
No espinho, no barro,
No couro cru da carne-seca,
No sol de tocaia em cada raiar de dia,
Na noite fria sem água perto,
Beijo do fogo,
Mando no que me pertence:*

*Minha mulher, meus sete filhos,
Minha cachorra, minha vaca abundância,
Que um dia teve bunda;
Hoje, seu rabo já é almoço.
Minha casa de barro,
Meu chapéu de couro,
Minha trabuca, minha peixeira sem peixe,*

*Com sangue de desafeto,
Que sou astuto, já disse,
Sou macho e não levo desaforo pra casa
Casa minha, sim senhor.*

*A contraposto, fujo da fome,
Quase mato um homem,
Na rodoviária da capital.
Maria perde as trouxas e o filho menor;
Que desgosto essa vida!
Deus meu, que pecado cometí
Pra merecer tanta desdita?*

*Monto barraco, conserto guarda-chuva,
Cato papel, lata e carne no lixo.
Pra quê um homem se humilhar?
Continuo bravo, matreiro e bom de pontaria:*

*Mato urubu, resolvo duas pendengas:
Elimino a concorrência
No arranjar o enche-buchô do dia.*

À CASA DE ESPÉLHOS

*Encontro-me em casa de espelhos.
Onde vejo, me vejo.
Estou só.
Uma luz vem de não sei onde e me ilumina a face.
Como entrei aqui?
É tão apertado!
Até quando respirarei?
É tão abafado!
Estou aqui há tanto tempo,
Andando em círculos.
Vejo o teto e as paredes sem frestas:
-Só eu refletido.
Olhei um dos espelhos.
Eu parecia tão feio e desengonçado.
Tive vontade de afastar dele.
Olhei outro canto.
Agora eu parecia tolerável.
Em canto algum eu seria agradável?
Em nenhum dos espelhos eu me via como me imaginava...
Fechei os olhos. Abri-os.
Vi que os espelhos reclamavam cuidados.
Limpei-os com zelo.
Descobri escondidos em mim dois espelhos,
Um em cada lado do rosto, próximos ao nariz e abaixo à testa.
Eles refletiam os outros espelhos.
E que todos os outros espelhos me faziam sorrir,
Todos no campo visual e agradáveis...
A casa se abriu.*

André Luiz L. Pereira (XL)

J/HAD A LA BRASILENA

**Pimenta nos olhos dos outros
É coisa de cozinheiro terrorista
Refresco é vender picolé**

**Em praia virgem, naturista.
Cabral, chegando-se às índias,
Pediu-lhas do mel um pingo.
E hoje o índio ainda
Catequiza-se em pé de gringo.**

PROFISSÕES

Tudo no mundo tem ocupação:

O marceneiro marcena

O livreiro livra,

E o músico musica.

O capitalista capitula,

O proletário faz prolívoria,

O religioso religia

Mas, o excluído não exclui, não.

O sol assola,
A lua enluara,
As estrelas estrelam,
E o cometa espanta, ainda.

Se a planta replanta,

O solo vê sola, come o sol

E a água diz água,

Então o homem se humana,

No chão em que amou seu pão.

O desempregado não desemprega, pregado à cruz,
O marginalizado não marginaliza, marginal sem margem,
[nem lira, nem beira];
O pobre não pobla outros pobres.

E o morto não amortiza dívida alguma.

O passado não passa,

Mas não chore se o presente não presenteia!

Tudo no mundo mundea

E, se no mundo, meia volta é "dez volta e meia",

Aperta o passo, mas também passeia,

Que pro trabalho há tempo, e só o tempo sabe trabalhar.

Nos dias de agora me envergonho
Da minha pretensão descabida
Quisera eu preencher minha vida
Com momentos de insano devaneio

Perdera, de sonho em sonho,
Oportunidades de integrar-me à lida
E a soma das amizades perdidas
Contam-me o coração ao meio

Mas o tempo só corre pra frente

Não volta, jamais, nem espera:

Assemelha-se guerreiro valente.

E nosso coração se desespera.

Nossos planos, vão na água corrente

Quando em nossa mente, a ociosidade impera.

CEGOEGOCÊNTRICO

Umbigo.

Um só.

E brigo comigo.

Único bi-ego.

Nenhum abrigo.

Buraco escuro,

No fundo cego.

Transferidor.

Transfere dor.

Fere a fé.

Transa a dor como quem fere.

Ardor de fera.

Ferida transtorno, adormo.

Circunferas, centroferências.

Concreto

Credo.

Cancro

Reto.

Muralha de um tijolo só,

Ao vento, lento,

No abismo

DE

SA

BA.

André Luiz L. Pereira (XL)

FALÁCIAS

“Pedro o teu vai ficar muito grande?” Nathalia (39) muito interessada no tamanho do relatório do Pedro Romano (39).

“As coisas podem parecer iguais, mas se analisarmos têm diferenças” Kiko (39), filosofando durante a aula de temas longitudinais na elaboração de um código de ética.

“No meu subconsciente, existe a existência...” Gabriel (39) filosofando pelos corredores do HC.

“... Bicharam o meu o meu bisquete” Fefa (39), indignada com os laboratórios da FCM que bicharam o seu disquete.

“... O paciente chupou, ops!!!” - Puxou conversa com a Fefa (39), Gabriel (39), em lapso no Ambulatório de Psiquiatria.

“... Eu não dou para a cirurgia!” - Olívia na aula de Medicina e Saúde no Ambulatório de Cirurgia.

“Meu principal alvo agora é o Roberto” - Bruno (39) se referindo ao Roberto (36) sobre as finanças do CAAL.

“Puxa, levanta, faz de tudo” Gabriel (39) falando do decote da Carol (39).

“Diogo, segura aí” Ricardo (39) pedindo que Diogo (39) guardasse lugar no ônibus.

“Em menina eu sou delicado, mas com homem eu vou chegando junto e jogo duro, Mona (35)” - Iezo (36)

“Tudo que me der eu jogo” Bruno (39), referindo-se a sua grande variedade de jogos de RPG.

“Vamos dar um rinoceronte para ele...” Márcio (39), referindo-se a um paciente, querendo na verdade receitar um Rinossoro ao garoto.

Amilton - “Alguém me ajuda a cortar essa lingüiça que tá muito fria”. Olívia, rápida no gatilho: “Eu não vou cortar a lingüiça de ninguém”.

"O problema é em que posição eu vou estar na hora que eu descobrir sobre a conspiração das mulheres, se eu seria vítima ou espectador" - Bruno (39).

"Depois que entrei na faculdade, fui obrigado a jogar de quatro" Coruja (36), explicando a mudança no número de seu uniforme de basquete.

"Põe o dedo que você vai ver o que eu faço" Diogo (39) quando Sidney (39) passa o dedo pela grade da Sigma Pharma.

"Eu estou aqui para passar o bastão para ele" Professor Heleno na aula de IPC da 39, referindo-se ao novo gestor do Módulo, Professor Luiz Alberto Magna.

"Ah, eu queria que a Karina dessa mais uma" Vanessa Cristina (39), afirmando que queria que a amiga participasse das Faláciais mais uma vez.

"Eu pensava que o Projeto Carrapato fosse tipo o arrastão da dengue, por causa desses matos que têm por aí" Mario (40), em reunião do CAAL.

"Ocupa essa boca depressa" Gabriel (39), irritado com Carol (38) que estava deixando seu lanche esfriar, porque não parava de elogiar o maravilhoso sorriso dele.

"Vê o meu então! Vê meu buraquinho! Meu buraco é arrombado e agora quando eu mexo nos pelinhos faz coçar!" Soki (38) na aula de Semiologia falando para Djinane (38) examinar sua orelha.

"O segredo é introduzir devagarzinho e olhar onde você está pondo" - Profa. Sara na aula de Semiologia ao ensinar a manipular o otoscópio.

"No CAAL é tudo na horizontal" – Gabriel (39), acreditando ter criado um logo para o Centro Acadêmico, ao comentar a estrutura horizontal de poder existente na gestão atual do CA.

"Que legal, seu trequinho é pequenininho" – Professora Nancy de Farmacologia, referindo-se à caneta de laser para retroprojetor do Diego (39).

Identificando-se

A abordagem central seria a idéia do abatimento e do cansaço. Tratar-se-ia de uma mera história sobre o esgotamento após conflitos pitorescos. Mas o rapaz cambaleou para outra direção e sucumbiu, deixando entornar aspectos nunca antes imaginados sobre as dimensões de sua existência. Tudo isso ao som de surreais canções nipônicas tocadas em flauta...

A experiência deste rapaz começou numa competição esportiva: os jogos do colégio haviam iniciado e a expectativa de vencê-los era grande. Embora ele não participasse de nenhuma prova, seu papel, enquanto torcedor, foi exercido com plenitude, a tal ponto que, a cada partida ganha, incrustavam-se sentimentos egocêntricos e mesquinhos em seu espírito. Emoções essas relatadas a uma suposta superioridade de seu time. Ele voltara à casa tão convicto e intolerante que pensava poder enfrentar e vencer qualquer problema.

Para tanto, mesmo as mais vãs ações de seu cotidiano foram transduzidas em inumeráveis desafios a serem superados. O rapaz era feliz ao conseguir arrumar seu quarto, ao vencer longas jornadas de estudos, ao planejar seu futuro.

O dilema foi ele não se aperceber, até então, que a vida era mais que uma competição esportiva, na qual os mais íntimos desejos de Vitória podiam ser extravasados com os gritos da torcida. Por isso, seu comportamento consistia em buscar os aplausos de seus companheiros e familiares. Nenhuma importância, porém, era dada a eles, conquanto as salvas de palmas estivessem presentes.

Tornara-se o rapaz um obsessivo. Tudo havia de ser minuciosamente planejado e objetivamente concluído. Sua alma estava tão ensimesmada que se perdera em trâmites técnicos e burocráticos. Não havia mais espaço para a fé ou para a arte, mas sim para o progresso ordenado e positivista.

Entretanto, as circunstâncias não acompanhavam o determinismo pretendido pelo meio interno do rapaz. Certas coisas eram demasiado utópicas, impossíveis de serem realizadas. Outras, invariavelmente, eram concluídas de modo imperfeito. A situação já saía de controle. Ao pobre rapaz, advinha a estafa.

O medo dos problemas, antes inexistente, passou a leve desassossego e, logo, evoluiu para terrível angústia. O rapaz relutava, imerso em si próprio. Dormia menos, não cedia atenção aos amigos a sua volta e tampouco falava com os familiares que lhe sustentavam. Tudo porque precisava vencer. Porque havia de vencer. Sempre.

O choque perante a realidade por fim imperou. "Ausente o encanto antes cultivado, percebeu-se o mecanismo indiferente". O termo Derrota acabava de entrar em cena e a possibilidade de erros ocorrerem tornou-se fato.

No dia da entrega dos pontos, o rapaz, em prantos, passou a revirar sua própria consciência, buscando a arte e a fé outrora renegadas. Porém, seu livro mental estava aparentemente vazio e empoeirado...

Foi quando apareceu, em sua cabeça nublada, a figura de uma rapariga. A princípio era difusa, todavia tornou-se nítida e consistente, pouco depois. Essa imagem era a de uma amiga mantida esquecida, mas, felizmente, não perdida.

O rapaz correu à casa dela e, ao chamar-lhe, foi prontamente atendido. No quarto da rapariga, verdadeiro santuário, eles tiveram uma longa conversa silenciosa. Lá, ele rememorou a importância do azul do céu e dos pardais. Chorou. Renasceu.

Ao fim do encontro, a rapariga deu um colar ao rapaz, ou melhor, um talismã a ser reverenciado, justamente por evocar a lembrança das coisas simples que embelezam a vida.

À noite, em seu lar, o rapaz ligou o rádio e ouviu um CD, emprestado pela rapariga, que continha músicas japonesas tocadas em flauta. E, assim mesmo, sereno e só, quis prestar-lhe uma homenagem pela paz que ela lhe concedeu. Decidiu, por fim, que o melhor seria escrever este conto, o qual nada mais é que sua própria história.

Um poeta, virtualmente português, disse ser um bom técnico, dentro da técnica. Fora disso, afirmou que não passava de um louco...

Amilton dos Santos Júnior (38).

Carta a Você

Entre tantos sonhos eu espero que você entenda o meu objeto de desejo. Não sei nada sobre sua vida e nada quero saber. Apenas gostaria de sorver sua alma, suas esperanças para dentro do meu espírito. Nada de regras e fantasias, bloqueios e conceitos, só nós dois. Despidos de tudo que possa empatar a liberdade de flutuar na imaginação. Loucos? Nem tanto, não seremos nada do que não queremos. Reprimidos, então? Também não chega ao cúmulo de oprimir a verdade. O quê somos, finalmente? A Calma acompanha minhas preces e a Paz é minha mãe. Sem pressa as respostas virão, sem perseguição, sem angústia. Pensar e refletir são duas ações indesejadas, incômodas, reveladoras. Tem medo delas? Espero que sim, todos possuem temor a verdade, ela nem sempre é agradável, e às vezes agradável demasiadamente. Sorrir é fingir ser feliz, chorar é despejar o excesso. Covardemente você deve querer parar de ver, analisar de sentir algo diferente. Por detrás de tudo, o que há? Uma inquietação. Já reparou o mundo pela janela da vida? É como olhar pela janela do ônibus, que se encaminha pela estrada docemente, e não conseguir enxergar. As luzes cessam, e a chama da vela ilumina minhas letras, minhas idéias, meus pensamentos. Pensei um dia que receava o escuro, comprovo agora o contrário, não o abomina como outrora apenas o sinto em mim, fora de mim e percebo o quanto ele é esclarecedor. As escadas não chegam em lugar algum, mas você teima em subi-la continuamente. Não basta sentir, intuir, tem que ver, tatear, pegar. A carne não peca, simplesmente porque já não é mais carne, espalhou-se como cheiro da poluição pelo globo. A imagem vira realidade e você não distingue o virtualismo da esperança, da ambição e da ganância. As flores murchas e descoradas viraram coadjuvantes numa foto familiar; em primeiro plano a aparência perdida no infinito segundo do flash. E a memória, e as lembranças? Você pergunta isso, mas sabe melhor do que eu a verdade, apenas acha-se admirando a unha de luz que a lua projeta sobre a fria noite. Entre a relatividade do ser e do querer, o tudo é absoluto e o nada é relativo, idem para o vice-versa. O cansaço vence a vontade e a preguiça percorre suas veias. Entendo, fica entediante descobrir algo que não lhe pertence, nem nunca poderá possuir. Pois isso é o meu, ninguém pode mudar o fato, mas você pode descobrir o que lhe pertence invejo-lhe a sorte.

Vejo você voltando-se para trás e me vendo, com minha carta na mão olhando-me friamente, sem nada entender. Sua vontade pode ser rasgá-la ou guardá-la, mas você apenas a deixa cair de suas mãos, involuntariamente.

MARIE (39)

SPASMO!

QUERERES

Esquecer... Querer esquecer
e querer querer...
Querer lembrar, querer lembrar para sempre
Querer falar mil vezes... extravasar
e querer calar
Querer agora
e ao tentar,
ver-se preso
pelo medo, pela vida, pela estória da sua vida
E então querer esperar mil anos
e saber que talvez nem em mil anos,
e muito menos nos poucos que restam...
E então querer ser livre
e em seguida querer estar preso
Querer prender seus olhos
Querer libertar
e querer sufocar sem choro o sentimento
e então engasgar
Querer que tudo pare naquele instante
e saber que o tempo é inexorável...
Ter medo de morrer antes...
Querer segurar o sorriso
e sorrir sem querer
Não querer chorar
e não querer ao menos tentar não chorar
Querer odiar com todas as forças
e então perceber-se fraco
Querer desistir
e então perceber quem é mais forte
Querer beijar e abraçar e até chegar a sentir-se capaz
e só então perceber o abismo,
a distância que há entre intenção e gesto
entre amar e ser amado...
E então temer novamente
Querer desesperadamente que seja o último
e saber que já nem é o primeiro
Querer olhar no espelho
e não ver mais do que a si próprio

Queria não querer nada
Mas o que seria do amor
Sem os seus tantos quereres?...

**Mariana Ribeiro Marcondes
Silveira (39)**

Um final feliz?

Sentiu um frio na espinha
Um cubo de gelo penetrando no corpo
Relembrou da família
Que será dela?
Suas crianças felizes correndo
Sua mulher cozinhando
E ele se lamentando
Da vida?
Da morte?
O que acabara de fazer?
Sua vida era cheia de perguntas
Ele era uma pergunta
Uma pergunta sem resposta
Agora o cubo de gelo se derretera
E se transformara em fogo
Um fogo quente e ardente
Que queimava seu corpo
Parecia um inferno
É o que sempre fora? Um inferno
Agora as chamas foram se apagando
Via pessoas em sua volta
Um revólver em sua mão
Uma bala em seu corpo
Agora se lembrara de tudo
O revólver em sua mão
O clarão que viu
De repente seu corpo pesou
Desequilibrhou-se e caiu
O que fizera?
Como pudera?
Não sabia
Agora as chamas foram se apagando
Seu corpo amolecendo
No infinito, aonde iria?
Era apenas um outro corpo
Sem chama alguma
Frio, no escuro da vida
Era apenas mais uma vida
Que se fora sem encanto
Era...ou não era...
Existia?
Não, já morrera...
Era...mais um corpo
Que abraçava o infinito
Sem medo
Apenas mais uma vida
Que se fora por bobreira
Por um minuto de loucura
Por amor à família
Por não amar a sua vida
Por um cubo de gelo que se derretera.

ANÔNIMO

SPASMO!